

DOSSIÊ - APRESENTAÇÃO

GEOGRAFIA E DESCOLONIALIDADE DESDE UMA PERSPECTIVA LATINO-AMERICANA

Este dossiê reúne nove artigos e dezoito pesquisadores de diferentes países (Argentina, Brasil, México, Peru e Costa Rica) que se dedicam a diversos temas dentro de um eixo aglutinador constituído por uma abordagem geográfica descolonizadora a partir da perspectiva latino-americana. Trata-se de uma seleção de trabalhos envolvendo participantes do Grupo de Trabalho “Geografías Latinoamericanas y el mundo: movilidad de saberes y disputas en un contexto de-colonial”, realizado no âmbito do XVIII EGAL – Encontro de Geografias da América Latina, sob coordenação de Mónica Farías, Rogério Haesbaert e Marcelo Lopes de Souza, realizado no período de 30 de novembro a 4 de dezembro de 2021 em Córdoba, Argentina, e que foi efetuado em sua maior parte na forma remota em função da pandemia de Covid-19. Infelizmente Marcelo Lopes de Souza, que participou ativamente na organização do Grupo de Trabalho, não pode envolver-se na organização deste dossiê, que foi proposto e coordenado por Mónica Farias e Rogério Haesbaert

A proposta do Grupo de Trabalho (“Mesa” para os argentinos) surgiu da necessidade de abrir o campo do debate em torno de algumas questões que vinham sendo discutidas no interior do grupo transnacional do qual participaram os organizadores ao longo de 2019 e 2020. Este grupo, integrado por Mariana Arzeno, Fernanda Torres, Mónica Farías, Marcelo Lopes de Souza, Rogério Haesbaert, Bernardo Mançano Fernandes e Sam Halvorsen, no âmbito do grupo mais amplo, *Latin American Geographies in the United Kingdom* (LAG-UK: <https://lagukinfo.wixsite.com/lag-uk>), manteve discussões em torno dos limites e das possibilidades de estabelecer e aprofundar diálogos disciplinares que ultrapassassem não apenas barreiras linguístico-culturais mas também epistemológicas. Indagamo-nos acerca do conjunto de contextos multiescalares na delimitação de teorias, conceitos e métodos, assim como das agendas de pesquisa. Com isso nos propusemos a pensar agendas de trabalho a curto, médio e longo prazo que redundem em colaborações descolonizadoras e emancipatórias para uma Geografia sintonizada com as problemáticas do momento e com os desafios de repensar a produção de saberes que nos impõem as mobilizações a partir dos territórios.

O Grupo de Trabalho/Mesa do EGAL foi pensado nesse espírito, com um interesse especial em retomar, problematizar e avançar os enfoques descoloniais cujo potencial disruptivo muitas vezes não é aproveitado, acabando com um uso banalizado de conceitos e ideias. No Grupo de Trabalho e, conseqüentemente, neste dossiê, procuramos indagar, através de conhecimentos geográficos situados, aportes teóricos e metodológicos que promovam saberes emancipatórios capazes de

transcender as diversas colonialidades frequentemente presentes no sentir-pensar-fazer geográfico. Dentro da temática bastante ampla proposta, observa-se a diversidade e, ao mesmo tempo, a riqueza dos enfoques, destacando-se, por um lado, o reconhecimento e a valorização de saberes populares (de populações indígenas, negras, subalternas) e, por outro, a consideração de tradições acadêmicas que já eram descoloniais antes de sabê-lo, com uma linguagem inovadora em termos de pensar nossos problemas a partir do próprio contexto geo-histórico em que estão se desdobrando.

O dossiê começa com o artigo de Hortensia Castro e Gonzalo Lus Bietti, intitulado “Apuntes latinoamericanos para la construcción de una Geografía Ambiental”, o qual destaca uma das problemáticas mais evidentes no mundo contemporâneo e que tem provocado geógrafos a repensarem suas temáticas de investigação. Assim, retoma-se a ampla tradição geográfica do trabalho com o “ambiente”, demonstrando-se seu retorno com força nos últimos anos dentro do contexto latino-americano. Efetua-se uma análise teórica e epistemológica do que se entende por Geografia Ambiental a partir de dois centros de pesquisa, o Centro de Investigación de Geografía Ambiental da Universidade Nacional Autónoma do México e a Rede de Pesquisadores em Geografía (Socio)Ambiental brasileira. Colocam-se assim questões como a da própria natureza da Geografia, na imbricação físico/natural-humano/social e seus elos com outros campos, como a Ecologia Política, delineando-se um caminho para desdobramentos futuros neste “campo de saber situado” a partir do contexto latino-americano.

Por sua vez, Mariana Arzeno, Mónica Farías e Fernanda Torres nos oferecem o artigo “Territorio y debates descolonizadores en la Geografía argentina: un diálogo incipiente”, trazendo para o primeiro plano de análise a questão descolonial e suas repercussões no âmbito da Geografia argentina. Trata-se, mais especificamente, da análise da abordagem descolonial sobre o território presente em revistas de Geografia das universidades nacionais argentinas, através de um pormenorizado levantamento que cobre o período entre 2005 e 2021. Nesta intensa pesquisa revela-se que são poucos os trabalhos que manifestam um diálogo explícito com o debate descolonial, muitas vezes referido teoricamente, mas não integrado aos estudos empíricos. Alguns, contudo, realizam este elo descolonial entre problematização, perspectivas e escalas colocadas em jogo. Assim, destaca-se que outros trabalhos apresentam reflexões teóricas e empíricas que poderiam situar-se dentro dos enfoques descoloniais, e que o fazem recuperando aspectos da longa tradição crítica na Geografia dessa região. Assim, pode-se observar raízes descoloniais desarticulando tramas de poder mesmo antes da enunciação desse enfoque específico.

No artigo “¿Comunalizando a Marx?: La aportación de lo común y lo convivial desde Gustavo Esteva y Jaime Martínez Luna”, Carlos Tornel e Elías González Gómez estabelecem um diálogo entre o pensamento de Marx e os conceitos de convivialidade e comunalidade propostos pelos intelectuais mexicanos Carlos Esteva e Jaime Martínez Luna. Este diálogo representa uma tentativa de releitura do marxismo que permite recuperar seu potencial, externamente ou em tensão com a modernidade eurocêntrica à qual em última instância aparece ligado. Pensar o mundo desde a convivialidade e a comunalidade supõe redefinir o “desenvolvimento” e pensá-lo desde uma lógica que recupera a agência dos sujeitos e a autonomia das comunidades. A radicalidade dessas propostas se encontra na desobediência epistêmica que implica sentir-pensar desde os territórios, recuperando lógicas e modos de enunciação sustentados por vínculos de proximidade, cuidado e solidariedade que colocam em questão conceitos chave do pensamento liberal ocidental, como a liberdade, a democracia e o Estado.

Seguindo essa possibilidade de pensar e realizar outras formas de habitar, o artigo de María Carla Rodríguez e Cecilia Zapata, intitulado “Saberes y disputas socializadas en el marco de la Escuela Latinoamericana de Autogestión del Hábitat de la SELVIHP” apresenta uma análise da “Escuela

Latinoamericana de Autogestión del Hábitat” (ELAH), dispositivo dentro da Secretaría Latinoamericana de la Vivienda y el Hábitat Popular através do qual se busca a formação de seus participantes em termos de produção social autogestionária da habitação/hábitat popular. Espaço de encontro plural e diverso, a ELAH se converte em veículo para a circulação de saberes situados, de intercâmbio e apropriação de saberes e experiências e de construção de materialidades urbanas outras num rico movimento de retroalimentação com um impacto real e tangível nos modos de produzir espaço urbano e sujeitos que exercem uma cidadania ativa. Apesar do artigo não abordar diretamente o tema da cidadania, pode-se dizer que esta experiência expressa a construção de vivências cidadãs coletivas que contrastam com as caracterizações mais individualistas próprias da cidadania liberal.

O artigo “A Geografia entre conhecimento situado, enfoque descolonial e interseccionalidade”, de Rogério Haesbaert, em um balanço sobre influências recentes na disciplina geográfica em seu diálogo com outras ciências sociais, abre uma segunda parte deste dossiê que enfoca experiências de conhecimento situado e abordagens interseccionais. O espaço geográfico é visto como a dimensão da mudança de perspectiva sobre o mundo, onde geografiar (a Geografia em/como ação) está relacionado com a capacidade de reconhecer e praticar essas mudanças de ponto de vista. Isso implica a leitura múltipla de nosso espaço-tempo, como propõe o conhecimento situado, considerado inerente às concepções descoloniais. Superam-se assim interpretações classistas/economicistas, focalizando a interseção entre desigualdades socioeconômicas, de gênero, geracionais e da própria multiplicidade funcional de nossos corpos. Esse conjunto interpretativo permite à Geografia enfatizar a riqueza de manifestações territoriais – a multiterritorialidade – a partir de um enfoque particular ao contexto latino-americano.

O artigo de Denilson Araújo de Oliveira “Existências Desumanizadas pela Colonialidade do Poder: Necropolítica e Antinegitude Brasileira” coloca em diálogo as ideias sobre a necropolítica de Achille Mbembe, a colonialidade do poder de Aníbal Quijano e a antinegitude de João Vargas para pensar as violências impostas pelo projeto moderno-colonial e pela desumanização em função da raça. A violência colonial perdura no mito da democracia racial e no projeto de branqueamento, reatualizando-se com particular crueza nas cidades neoliberais. O artigo busca entender como a questão racial influi nas políticas de segurança do Estado brasileiro, refletindo sobre a continuidade do medo do branco em relação ao negro desde as origens do sistema escravista até hoje. Trata-se de um medo que tem referencial espacial claro, o navio negreiro, que impõe a necessidade do apagamento/extermínio tanto dos corpos negros como dos espaços de negritude. Nas cidades neoliberais os dispositivos de racialidade tomam forma nas operações militares e na violência policial nos bairros pobres e nas periferias.

O texto de Pilar Delpino-Marimón, María Guillén-Araya, Karen Hudlet-Vázquez e Gisselle Vila Benites, “La potencia del enojo en la producción de conocimiento académico: una reflexión colectiva” recupera a experiência de quatro estudantes de doutorado latino-americanas nos Estados Unidos para considerar a importância dos afetos na produção de saberes acadêmicos. As autoras, assim, refletem sobre a ira, a raiva (“enojo”) que sentem frente ao uso descontextualizado de alguns conceitos – como o de *settler colonialism* – bem como frente à falta de disposição para a consideração de propostas teórico-conceituais não-hegemônicas, como ocorre em relação ao conceito de território. A potência da raiva radica, entre outros motivos, no fato de que que lhes permitiu encontrar-se, colocar em palavras, gerar diálogos e começar a desarticular através do fazer, as hierarquias de saberes e as hierarquias dos lugares de enunciação.

Continuando com a importância das experiências pessoais e os lugares que ocupamos que nos permitem perspectivas únicas para a observação e a reflexão, Aline Neves Rodrigues Alves, no

artigo “Escrevivendo com conhecimentos locais: reflexões de uma pesquisadora negro-educadora durante a pandemia de Covid-19”, parte de suas “escrevivências” pessoais enquanto educadora e, numa abordagem descolonial, reflete sobre as Geografias Negras e a resistência dos grupos subalternos racializados, especialmente mulheres, que foram os mais afetados pela pandemia de Covid-19. Dialoga com autores como Conceição Evaristo (que propôs o conceito de “escrevivência”), Arturo Escobar (descolonizando o lugar) e Paulo Freire (na inseparabilidade entre conhecer e transformar). Aciona ainda o corpo-território na interação global-local para identificar a força de múltiplas redes de mobilização e re-existência social.

Lilian Bulbarelli Parra e Maurice Seiji Tomioka Nilsson, em “Territorialidade e saúde *a’uwe uptabi* (xavante): territórios contemporâneos em abordagem multiescalar”, tratam a territorialidade desse grupo indígena brasileiro, povo Jê do Cerrado do Brasil Central que enfrenta um complexo processo de des-re-territorialização através do reconhecimento de áreas segmentadas que dificultam sua mobilidade e integração. A leitura é feita através de um enfoque multiescalar (especialmente nos níveis local, regional e nacional) e enfatiza a questão da saúde, em que se evidencia a relação com a alimentação, cada vez mais fundamental em nossas geografias, diretamente vinculada ao grau de vulnerabilidade da população indígena.

Em suma, este diversificado dossiê de artigos apresenta um valioso conjunto de elaborações teóricas, metodológicas e empíricas muito representativas de um modo de investigar e de fazer geografias a partir de uma perspectiva latino-americana. Todos eles, de alguma forma, contestam as hierarquias do saber-fazer hegemônico e colocam em primeiro plano a re-existência (o resistir construindo outra forma de existência) dos grupos subalternizados – sejam eles habitantes de periferias metropolitanas, indígenas, quilombolas ou outros grupos explorados e estigmatizados. Trata-se de um grande estímulo para prosseguir na construção de outras, múltiplas interpretações e práticas descolonizadoras, sem ignorar o diálogo com o que já havíamos acumulado em termos do pensar-fazer crítico e emancipador.

Mónica Farías e Rogério Haesbaert
Organizadores do dossiê